

**Universidade Federal de Goiás - Faculdade de Educação**  
**Pesquisa Observatório da Educação - Projeto: Desafios da Educação de Jovens**  
**Adultos integrada à Educação Profissional: identidades dos sujeitos, currículo**  
**integrado, mundo do trabalho e ambientes/mídias virtuais**  
**Pesquisa avaliativa segundo ano (2014) do Proeja-FIC/Pronatec**

**ESCOLA MUNICIPAL ABRÃO RASSI**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:**  
**ANÁLISE DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM OU NÃO DOS EDUCANDOS**  
**E SUGESTÕES POR ELAS APONTADAS PARA O PROGRAMA PROEJA**  
**FIC/PRONATEC**

Rita de Cássia Balieiro Rodrigues  
rbalieirorodrigues@yahoo.com.br

Ao final de 2014 as dez escolas que participaram da experiência do Proeja FIC/ Pronatec passaram por nova avaliação da proposta. Nesta oportunidade, os alunos foram convidados a responder um questionário, composto na maioria de questões abertas. Os itens do questionário buscavam arguir os alunos quanto ao andamento do programa em seus dois anos de implantação nas unidades de ensino, bem como levantar sugestões para melhoria em 2015.

A questão de número oito (8) versa se há algum tema ou assunto que o educando (a) não aprendeu. Dos 113 respondentes a essa pergunta, aproximadamente 43% dos educandos disseram não haver nenhum tema ou assunto importante que não aprenderam. Essa é uma boa e significativa verificação da aceitação dos educandos com a nova organização. Essa questão nos remete a outros questionamentos importantes: O que é aprender? Como eu sei se aprendi ou não alguma coisa? Cada pessoa tem uma forma de aprender algo? O educando sabe julgar se aprender ou não sobre certos assuntos é importante para sua formação?

Mészáros (2008) faz questionamentos a respeito da aprendizagem;

[...] A grande questão é: o que é que aprendemos de uma forma ou de outra? Será que a aprendizagem conduz à autorealização dos indivíduos como “indivíduos socialmente ricos” humanamente (nas palavras de Marx), ou está ela a serviço da perpetuação, consciente ou não, da ordem social alienante e definitivamente incontrolável do capital? Será o conhecimento o elemento necessário para transformar em realidade o ideal de emancipação humana, em conjunto com uma firme determinação e dedicação dos indivíduos para alcançar, de maneira bem sucedida, a autoemancipação da humanidade, apesar de todas as adversidades, ou será, pelo contrário, a adoção pelos

indivíduos, em particular, de modos de comportamento que apenas favorecem a concretização dos objetivos reificados do capital? (p.47- 48).

As inquietações deste autor conduzem o leitor a uma reflexão profícua sobre os temas e assuntos abordados na escola, estando estes sempre a serviço de quem ou de quê? Embora os pressupostos teóricos do currículo integrado caminhem em uma linha progressista que defende a formação humana ommnilateral<sup>1</sup>, nem sempre a unidade escolar conseguiu desenvolver seu trabalho pedagógico dentro desta proposta.

Na análise das respostas a essa pergunta de número oito (8), apenas 18% dos respondentes disseram ter temas ou assuntos que não aprendeu. 17% dos respondentes deram respostas sem sentido (RSS), o que revela implicitamente certo número de educandos com alguma dificuldade de interpretação textual. Ainda 22% não responderam a essa pergunta. Ao analisar tal questão, é preciso de atenção para se compreender realmente sob que perspectiva os educandos se orientam para compreender o processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes eles ainda preservam visões conteudistas e visões ingênuas que os fazem pensar que a escola seja 100% boas ou 100% ruins.

Devido a essas questões, ao se discutir sobre o aprendizado do aluno trabalhador é necessário compreender as especificidades da formação integrada e os objetivos de formação do trabalhador que nela estão implícitos. Segundo Ciavatta (2012, p. 87): “A ideia de formação integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar”. A autora alerta sobre os descompassos no mundo econômico capitalista, que se reflete nos programas escolares, como, por exemplo, a discussão de temas como o empreendedorismo, que de certa forma tem a ver com a pedagogia das competências, que é uma visão superada, uma vez que tenta transferir para os indivíduos a necessidade de serem “empregáveis”, bem como, o seu sucesso ou insucesso, uma vez que se sabe que a sociedade capitalista não oferece oportunidades iguais a todos.

Segundo Ciavatta (2012) é necessário promover a superação do dualismo que existe tanto na sociedade quanto na educação, uma vez que este segrega a sociedade

---

<sup>1</sup>Trata-se do ser humano que tenha superado a unilateralidade imposta pela divisão social do trabalho e que consegue desenvolver o conjunto de suas potencialidades em sua totalidade. Na concepção marxiana, o homem que, na sociedade socialista, caça de manhã, pesca à tarde e faz poesia à noite, ou seja, desenvolve um conjunto de atividades que manifestam o conjunto de suas potencialidades como um todo.

em classes, colocando a classe trabalhadora em condição de opressão em relação à classe dominante.

A origem recente da ideia de integração entre a formação geral e a educação profissional, no Brasil, está na busca da superação do tradicional dualismo da sociedade e da educação brasileira, como também nas lutas pela democracia e em defesa da escola pública nos anos 1980, particularmente, no primeiro projeto de LDB, elaborado logo após e em consonância com os princípios de educação da Constituição de 1988. (CIAVATTA, 2012, p. 90).

Outra especificidade que tem relação com a aprendizagem e que pode ser expandida a todos os alunos da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA), é a questão do tempo reduzido para o ensino e aprendizagem, esse fator pode ser sentido pelos educandos e refletido em uma sensação de não ter *aprendido nada* como diz a fala de alguns em resposta a essa questão. As discussões sobre o tempo pedagógico reduzido para os alunos é um tema abordado por alguns autores:

O tempo pedagógico, por assim dizer, foi dividido em dois tempos cronológicos: tempo escolar e tempo extraescolar. Tal extensão, de acordo com as autoras, além de cindir a unidade entre tempo de ensino e tempo de aprendizagem, demanda disponibilidade de tempo, local e recursos adequados, além de disponibilidade de apoio pedagógico de alguém que saiba orientar o aluno, quando necessário. (SILVA e KLEIN, 2012, p. 151).

O tempo pedagógico, além de ser mais enxuto para os alunos do Proeja FIC/ Pronatec, ele às vezes não é bem aproveitado. A persistência de dúvidas, por não haver um acompanhamento adequado pode fazer com que o educando se sobrecarregue com dificuldades, que podem levá-los a desistir dos estudos. A “falsa impressão” de que não aprendeu nada é frequentemente verificada em sala de aula. Quando os educandos chegam a expressarem essa sensação de fracasso, pode ser em decorrência da falta de diálogo na sala de aula. Por isso, é bastante pertinente que no momento em que o educando chegue a expressar tal frustração, o professor busque compreender onde realmente se encontra a dúvida. Com certeza, se o professor fizer uma retomada dos temas junto aos alunos, ambos vão detectar o “nó” e darão andamento aos esclarecimentos das dúvidas e também à solução da questão. Paulo Freire diz que o aprendizado se instala dentro de um ciclo gnosiológico, que é mantido pela dialogicidade.

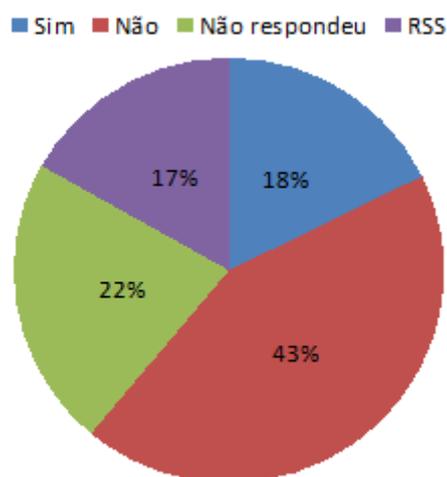
Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição-educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação

dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 2013, p. 94-95).

Desse modo, Paulo Freire demonstra o quanto o conceito não é o fim, mas o meio pelo qual se processa o aprendizado e se transforma a realidade dos seres humanos. Outra importante observação é que no ato gnosiológico o educador também é um sujeito cognoscente e produtor de novas verdades a partir do amadurecimento que se alcança na relação com o saber e com os educandos.

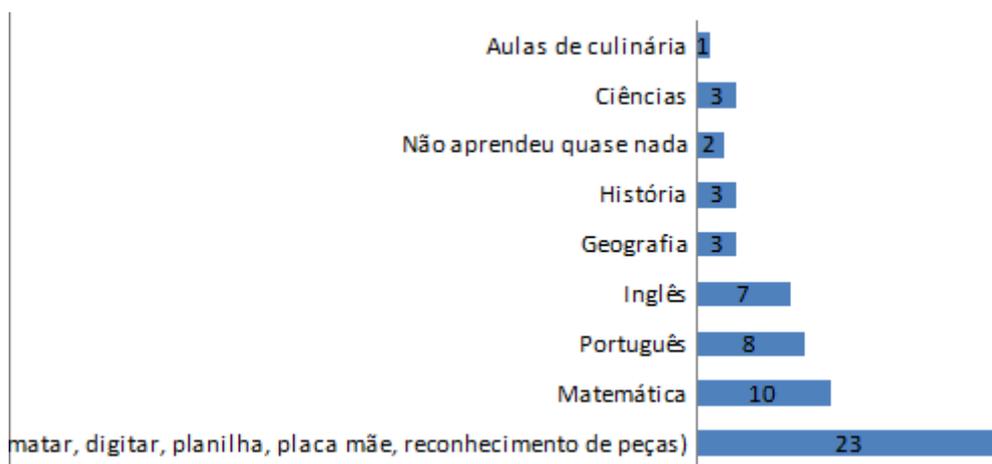
O gráfico a seguir mostra a distribuição das respostas à questão oito em termos percentuais. Como já foi verificado um bom percentual de alunos não reclamou da aprendizagem (43%), no entanto, o percentual de alunos que não respondeu, os que deram respostas sem sentido somados aos que disseram não ter aprendido alguns temas forma a maioria.

**Gráfico 01: Se há algum tema ou assunto que não aprendeu nessa nova organização nesse período.**



Partindo da observação das respostas que mais apareceram quando os alunos expressam qual é o assunto ou tema que não aprenderam, a parte da formação profissionalizante foi a mais apontada, especialmente nos cursos da área de Informática. Conforme mostra o gráfico:

**Gráfico 02: Temas ou assuntos que não aprendeu durante este ano.**



Houve 23 solicitações de temas como: montagem, formatação de computadores, dificuldades na digitação, elaboração de planilha, não entendimento sobre a placa mãe e sobre o reconhecimento de peças. Na sequência, aparecem dez solicitações de aprendizagem de Matemática, oito de Língua Portuguesa e sete de Língua Estrangeira (Inglês). Outras solicitações de aprendizagem apareceram com menor frequência, sendo elas: três de História, três de Ciências e uma de Culinária. Dois educandos disseram não ter aprendido quase nada. Isso decorre da dificuldade que cada educando ou grupo tem com determinada área de estudo. No entanto, por ser reclamações pontuais de algumas disciplinas, faz-se necessário lembrar que a proposta do Proeja FIC/ Pronatec tem em seu cerne o currículo integrado e as docências compartilhadas.

Refletindo ainda sobre os dados do gráfico acima ponderamos que alguns professores não se empenharam nessa proposta, o que fez persistir uma visão compartimentada e conteudista em algumas escolas, em contrapartida, houve relatos de experiências produtivas, que chegaram a alcançar 100% de aceitação entre os educandos nas aulas com docência compartilhada, visando a integração curricular. As reclamações pontuais de algumas disciplinas pode ter sido, inclusive, em decorrência de mudanças corriqueiras ou de falta de professores nesse período para certas disciplinas, além de aspectos didáticos ou comportamentais dos professores.

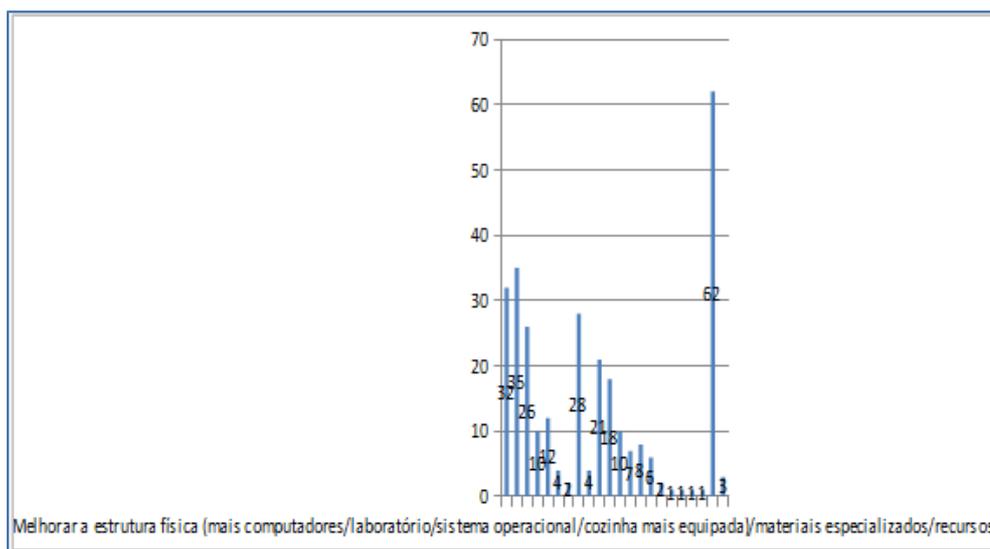
Ao analisar a questão de número dez, na qual os alunos expressam suas sugestões para melhoria do programa em 2015, observa-se estreita ligação entre as duas questões aqui analisadas, uma vez que, como já foi mostrado na questão anterior (de número oito), 23 reclamações do não aprendido são referentes às aulas de Informática

enquanto que na questão (10), o número de sugestões para melhoria do programa incide exatamente sobre a falta de infraestrutura para aulas de Informática, com 32 respostas, incluindo temas como a falta de computadores, laboratório, materiais especializados e recursos. Em segundo lugar, com 35 respostas, os alunos reivindicam mais aulas práticas, visitas técnicas e mais aulas de Informática. Entre essas respostas, que juntas contabilizam 67 reivindicações, existem poucas que referentes a outras aulas práticas que não sejam de informática, poucas se referem à falta de equipamentos de cozinha para o curso Alimentação.

A falta de infraestrutura, de logística e de insumos foi o grande empecilho para o sucesso almejado nos dois anos de experiências com o Proeja FIC/Pronatec até a data desta avaliação. Tais problemas foram detectados em decorrência da dependência de verbas do Pronatec para o Proeja FIC nas escolas municipais e também devido a algumas falhas administrativas por parte do IFG, que foi a instituição responsável pela contratação de pessoal para dos cursos profissionalizantes e pelo gerenciamento das verbas. A própria Secretaria Municipal de Educação tem culpa nessa falta de infraestrutura básica, uma vez que mantém escolas ainda sem ambiente informatizado e permitiu que fossem selecionadas escolas sem esta infraestrutura para ofertar cursos de informática.

Principalmente no segundo ano da experiência (2014) foram detectados muitos problemas. A chegada dos professores da formação profissionalizante em 2014, que ocorreu somente no segundo semestre daquele ano, foi responsável pela desorganização dos horários nas escolas, por isso, na questão de número dez, muitos alunos reclamaram do excesso de aulas da formação profissionalizante, com carga horária a cumprir de 160 horas em um semestre. Essa questão apareceu no item ajuste de tempo, com 28 alunos levantando a questão.

**Gráfico 03: Sugestões de melhorias no Proeja FIC/ Pronatec em 2015.**



Entre as sugestões de melhoria, 26 alunos solicitaram que a bolsa de incentivo, uma quantia de R\$5,00/dia por aluno, destinada ao auxílio locomoção venha de maneira regular e pontual, incluindo o aumento de valor desse auxílio. Em um artigo sobre o financiamento para políticas públicas do Proeja, os autores Filho, Cêa e Deitos (2011) abordam a questão, e a partir desse artigo observa-se semelhanças com o que vem acontecendo com o financiamento para o Proeja FIC/ Pronatec;

Dessa forma, pode-se identificar que as políticas emanadas do MEC, em especial aqui a política de formação profissional na modalidade de educação de jovens e adultos, encontram-se submetidas e imbricadas com a política econômica adotada pelos governos brasileiros das últimas décadas, que é marcada por uma integração periférica e subordinada aos ditames dos países do capitalismo central, sob orientação de organismos multinacionais (p. 27).

Constatou-se que desde o início do Proeja FIC/ Pronatec houve problema quanto à chegada da verba, mas especialmente no final de 2014, foi comumente verificado não só o atraso no pagamento do auxílio para os alunos, mas também, ocorreu atraso no pagamento para os professores, formadores e coordenadores da Educação Profissional.

Vinte e um alunos reclamaram ainda da organização escolar, levantando problemas como organização do horário, normas e tempo curto de recreio e mudança da direção. Quatro alunos sugerem maior número de eventos e atividades culturais na escola. Oito alunos sugeriram a necessidade de manutenção dos alunos na escola, apontando problemas como turmas muito vazias, atender as expectativas e melhorar a

qualidade de ensino para atrair mais alunos, bem como motivar o retorno de alunos afastados.

Dezoito alunos levantaram como necessidade de melhoria dos problemas relativos ao Proeja FIC/ Pronatec, tais como o começo tardio das aulas da formação profissionalizante em 2014, a solicitação de mais opções de cursos profissionalizantes. Também dezoito alunos consideraram a proposta muito boa ou ótima, não necessitando de nenhum tipo de melhoria.

Foram vinte e oito as solicitações de ajustes de tempo, relativos tanto às aulas práticas como também às aulas das disciplinas da Educação Básica, sendo que ambas ficaram prejudicadas quanto ao tempo no segundo semestre de 2014, pois devido à necessidade das disciplinas da iniciação profissional ter que cumprir toda sua carga horária (160 horas) em apenas um semestre. Dentre essas solicitações, onze alunos solicitaram a diminuição do período de aulas.

Doze alunos solicitaram melhor organização das questões pedagógicas, relativas às atividades, avaliações e metodologias. Dez alunos reclamaram das dificuldades relativas à atuação de professores, levantando a necessidade de os docentes irem além das aulas para garantirem melhor ensino, motivarem os alunos, além de demonstrarem maior interesse e desempenho durante as aulas.

Quanto às aulas compartilhadas, cinco alunos sugeriram maior quantidade de aulas com essa organização, melhor planejamento das aulas compartilhadas, bem como maior integração entre os conteúdos trabalhados em geral. Sete alunos solicitaram mais professores da formação profissionalizante. Seis alunos solicitaram material pedagógico, tais como apostilas e livros do ensino profissionalizante. Um aluno sugeriu a doação de *tablets* aos alunos. Apenas um aluno solicitou que o programa o inserisse no mercado de trabalho.

Dez alunos não deram sugestões e apenas consideraram as aulas da organização como boas ou ótimas, por isso, consideraram que não precisavam melhorar em nada. Três sugerem continuar avançando no projeto. Dois sugerem ter mais conteúdos. Três alunos deram respostas consideradas sem sentido.

Sessenta e dois alunos não apresentaram nenhuma sugestão de mudança ou melhoria na proposta. Tal dado, por ser acompanhado de um número significativo de educandos, pode sugerir que os mesmos perceberam muitos aspectos positivos durante o curso do Proeja FIC/ Pronatec em suas escolas, por isso, não sentiram a necessidade de mudanças advindas de possíveis sugestões.

A grande quantidade de alunos que não apresentaram nenhuma sugestão de melhoria da proposta, pode até ser considerado como um aval positivo quanto ao Proeja FIC/ pronatec, no entanto, isso não significa que não há questões para serem avaliadas e melhoradas. Sempre é possível haver mudanças no sentido de melhorar algum programa. Considera-se que, no geral, as mudanças organizacionais e de infraestrutura são as que mais preponderaram nas observações dos alunos, por isso, a proposta em termos pedagógicos parece ser bastante validada nos dados de pesquisa aqui apresentados.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CIAVATTA, M. **Educação Básica Educação Profissional – descompassos e sintonia necessária.** In: OLIVEIRA, E. C.; PINTO, A. H.; FERREIA, M. J. de R. EJA e Educação Profissional: desafios da pesquisa e da formação no Proeja. Brasília: Líber Livro, 2012, p. 67-99.

FILHO, D. L. L.; CÊA, G. S. dos S.; DEITOS, R. A. **O PROEJA e as possibilidades de sua afirmação como uma política pública:** o financiamento em questão. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.) PROEJA Educação Profissional Integrada à EJA: questões políticas, pedagógicas e epistemológicas. Curitiba: Ed. UTFPR, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

SILVA, G. L. R.; KLEIN, L. R. **PROEJA:** necessidade e limites de programas de reinserção escolar de jovens e adultos. In: ZANARDINI, I.M.S.; FILHO, D. L. L.; SILVA, M.R. da (Orgs). Produção do conhecimento no Proeja: cinco anos de pesquisa. Curitiba: Ed. UTFPR, 2012, 137-159.